

Estado da publicação: O preprint foi submetido para publicação em um periódico

# O Dialeto Brasileiro, uma língua românica em diáspora?

Leonardo Ferreira Kaltner, Melyssa Cardozo Silva dos Santos

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.12805>

Submetido em: 2025-07-28

Postado em: 2025-07-29 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

# **The Brazilian Dialect, a Romance Language in Diaspora? A Debate on the Linguistic Thought of Antenor Nascentes (1886–1972) and the Recent Migration of Brazilians to Portugal**

## **O Dialeto Brasileiro, uma língua românica em diáspora? Um debate sobre o pensamento linguístico de Antenor Nascentes (1886-1972) e a recente migração de brasileiros em Portugal**

**Leonardo Ferreira Kaltner**

Professor Titular de Língua e Literatura Latina e docente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (PPG em Estudos da Linguagem da UFF), Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3690-3132>

**Melyssa Cardozo Silva dos Santos**

Doutoranda em Estudos da Linguagem do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense (PPG em Estudos da Linguagem da UFF) com estágio sanduíche pela Université Rennes 2 (PDSE/CAPES), Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0279-1611>

### **RESUMO**

Este artigo remonta a reflexões iniciadas na comunicação intitulada *Da Língua Brasília à Língua Brasileira, uma língua românica em construção? Um debate sobre glotofobia e preconceito linguístico na perspectiva da Linguística Histórica*, apresentada na sessão Literatura e Representações no evento *Abralin em cena 18 – Linguagens, Raça, Gênero e interseccionalidade em luta por direitos*, que ocorreu no campus Darcy Ribeiro da Universidade Brasília (UnB), em agosto de 2025, sob a organização da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). As reflexões aqui desenvolvidas vinculam-se, de modo geral, ao projeto *Estudos anchietanos no século XXI e a Década Internacional das Línguas Indígenas (UNESCO, 2022-2032): interfaces entre a política e a historiografia linguística*, desenvolvido no contexto do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense, sob financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), através da bolsa Cientista Nosso Estado (CNE). Como objeto de discussões encetadas pelo evento supracitado, trazemos para o debate contemporâneo a questão da discriminação a pretexto linguístico sofrida pela comunidade de brasileiros em Portugal, atualmente, trazendo para esse debate um texto histórico sobre o tema, a obra do início do século XX: *O Linguajar Carioca*, de Antenor Nascentes (1922 [2023]).

## Palavras-chave:

Glotofobia, Linguística Histórica, Língua Brasileira.

## ABSTRACT

This article builds on reflections first presented in the talk entitled *From the Língua Brasília to the Língua Brasileira, a Romance Language in the Making? A Debate on Glottophobia and Linguistic Prejudice from the Perspective of Historical Linguistics*, delivered during the Literature and Representations session at the event *Abralin em Cena 18 – Languages, Race, Gender, and Intersectionality in the Struggle for Rights*, held at the Darcy Ribeiro campus of the University of Brasília (UnB) in 2025, organized by the Brazilian Linguistics Association (ABRALIN). The reflections developed here are broadly connected to the project *Anchietan Studies in the 21st Century and the International Decade of Indigenous Languages (UNESCO, 2022–2032): Interfaces Between Politics and Linguistic Historiography*, carried out within the Graduate Program in Language Studies at the Fluminense Federal University, with funding from the Rio de Janeiro State Research Foundation (FAPERJ), through the Cientista do Nosso Estado grant. As an object of the discussions initiated by the aforementioned event, this article brings to contemporary debate the issue of linguistic-based discrimination currently experienced by the Brazilian community in Portugal, anchoring this discussion in a historical text on the subject: *O Linguajar Carioca*, by Antenor Nascentes (1922 [2023]).

## Keywords:

Glottophobia, Historical Linguistics, Brazilian Language.

## Introdução: o contexto luso-brasileiro entre migrações e diásporas

Este artigo remonta a reflexões iniciadas na comunicação intitulada *Da Língua Brasília à Língua Brasileira, uma língua românica em construção? Um debate sobre glotofobia e preconceito linguístico na perspectiva da Linguística Histórica*, apresentada na sessão Literatura e Representações no evento *Abralin em cena 18 – Linguagens, Raça, Gênero e interseccionalidade em luta por direitos*, que ocorreu no campus Darcy Ribeiro da Universidade Brasília (UnB), em 2025, sob a organização da Associação Brasileira de Linguística (ABRALIN). As reflexões aqui desenvolvidas vinculam-se, de modo geral, ao projeto *Estudos anchietanos no século XXI e a Década Internacional das Línguas Indígenas (UNESCO, 2022-2032): interfaces entre a política e a historiografia linguística*, desenvolvido no contexto do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal Fluminense, sob financiamento da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), através da bolsa Cientista Nosso Estado (CNE) (Kaltner; Santos, 2022; 2023; 2024).

Como objeto de discussões, que emergiu no contexto do evento supracitado, trazemos para o debate contemporâneo a questão das migrações (diáspora) e da “discriminação a pretexto linguístico”, a glotofobia (Blanchet, 2016), no contexto histórico e social luso-brasileiro em dois momentos diversos: a recente migração de brasileiros para Portugal, entre 2019 e 2023, no século XXI, e a centenária diáspora de portugueses no Brasil, entre 1901 e 1930, no século

XX, a que objetivamos contrastar sob um denominador temático comum, a percepção entre a variedade linguística na relação entre português e “brasileiro” (português do Brasil), ora considerados como uma só língua, ora como línguas distintas.

As migrações, as diásporas e os deslocamentos massivos de povos sobre territórios fazem com que povos diversos entrem em interação com suas línguas em uso. Se, por um lado, há uma receptividade inicial, por vínculos de parentesco entre línguas, o cotidiano muitas vezes revela que a diversidade linguística é recebida com indiferença e mesmo com discriminação, seja pelo sotaque, por modos de falar, o que caracteriza a glotofobia. Há o registro de uma série de fatos discriminatórios sofridos pela comunidade de brasileiros em Portugal, atualmente, nos últimos anos. Entre 2019 e 2023, o número de brasileiros em Portugal passou de 151.304 a 513.000, o que marca uma diáspora brasileira recente no território europeu (Ministério de Relações Exteriores do Brasil, 2024, p. 5). Um dos impactos dessa migração se dá também no incremento do registro de casos de xenofobia e de discriminações diversas, entre as quais se situa a glotofobia, a discriminação pela forma de os brasileiros falarem, que é registrada em diversos casos na imprensa e nas redes sociais.

Em uma notícia recentemente publicada no Jornal Expresso, no dia 18 de julho de 2025, a matéria intitulada *“Eu falo português, você fala brasileiro”: uma língua com múltiplas variedades, falada por milhões, ainda motiva discriminação*, de autoria da jornalista Alda Rocha, evidencia a situação de glotofobia em Portugal, em relação a brasileiros, sobretudo no sistema educacional. Ao comentar a situação da glotofobia, a discriminação a pretexto linguístico em Portugal, reafirma o pluricentrismo da(s) língua(s) portuguesa(s), que é o ideal também defendido por linguistas tanto no Brasil quanto em Portugal: “Língua nativa de 260 milhões de pessoas, ensinada em mais de 80 países e 400 universidades, é considerada uma língua global. Tem apenas duas variedades oficiais, o português do Brasil e o português de Portugal” (Rocha, 2025).

Essa questão pode ser trazida para um debate histórico contrastivo, levando-se em consideração que há cerca de um século, entre 1901 e 1930, o número de imigrantes portugueses registrados no Brasil foi de 754.147 (Levy, 1974), um número bem elevado, o que marcou um período de diáspora europeia no território brasileiro também. Como não havia o registro da discriminação a pretexto linguístico nesse mesmo período histórico, não podemos saber diretamente como foi percebida a variação linguística nesse contexto. Porém, a partir de obras escritas por filólogos brasileiros contextualizados nas primeiras décadas do século XX, podemos compreender como foi a percepção das diferenças e da diversidade linguística, nesse novo encontro entre o migrante europeu e os povos que habitavam o território do Brasil.

Como o método histórico-comparativo era então o modelo teórico e científico vigente (Cavaliere, 2022), a questão da variação linguística era tratada no âmbito da dialetologia, vinculada aos estudos de Filologia Românica, iniciados pelo filólogo alemão Friedrich Diez, continuados por Meyer Lübcke, também alemão, então um dos filólogos mais respeitados pela intelectualidade europeia, e por um círculo de filólogos portugueses e brasileiros, como Leite de Vasconcelos, um dos mais notórios e prestigiados filólogos de língua portuguesa, no século XIX. A partir da recepção da obra desses autores, chegamos a Antenor Nascentes, autor da obra *O Linguajar Carioca* (Nascentes, 2023 [1922]), que reflete as diferenças entre a variante europeia do português do “dialeto brasileiro”, sobretudo do “linguajar carioca”, falado por seu autor.

A obra do século XX apresenta uma descrição empírica do contraste entre a fala de possíveis imigrantes portugueses e do “linguajar” carioca, demonstrando uma tentativa de interpretar o “dialeto brasileiro”, e o “subdialeto carioca” em contraste com a suposta fala dos imigrantes de Portugal, considerando-se a fala de Lisboa como ponto de partida, e mesmo a diversidade linguística e as variações analisadas por Leite de Vasconcelos, ao longo do território português. O capítulo de fonologia da obra de Antenor Nascentes é o mais profícuo em exemplos para distinguir as falas dos imigrantes em contraste com o “linguajar” carioca, então em uso no Rio de Janeiro, e, de certo modo, contínuo até os dias de hoje, o que debatemos a seguir.

## 1. O dialeto brasileiro: o pensamento linguístico de Antenor Nascentes

Podemos trazer para o debate contemporâneo luso-brasileiro um texto histórico e centenário sobre o tema, a obra do início do século XX: *O Linguajar Carioca*, de Antenor Nascentes (1922 [2023]), uma obra que dista cerca de um século tanto da independência do Brasil em 1822, quanto da recente diáspora e migração brasileira nas primeiras décadas do século XXI em Portugal, que registrou o seu pico entre 2019 e 2023. O texto de Nascentes é uma obra filológica situada no centenário de formação da língua portuguesa contemporânea, em seus dois contextos sociais hegemônicos: Portugal e Brasil.

Pelo fato de a obra de Nascentes ter mais de um século, uma das abordagens interpretativas possíveis para a compreensão do texto contemporaneamente é a Historiografia Linguística (HL), a partir do aparato de Konrad Koerner, de Pierre Swiggers e de Sylvain Auroux (Kaltner, 2023), voltada à observação do fenômeno do “pensamento linguístico” (*linguistic thought; pensée linguistique*) a partir da metalinguagem e das discussões teóricas adotadas na obra. Como método de descrição e de análise historiográfica, vamos interpretar os metatermos linguísticos, isto é, os fatos a serem observados serão os parâmetros que constituem a discussão de Nascentes sobre o tema da variação linguística, considerados aqui como os conceitos teóricos que foram empregados pelo filólogo carioca em sua argumentação. Para fins de organização, esses metatermos linguísticos serão marcados por colchetes [x], a fim de facilitar a análise do pensamento linguístico do autor.

Bem recentemente, os casos contínuos de discriminação de imigrantes brasileiros em Portugal a pretexto linguístico têm retomado o termo “Brasileiro”, ao se referir às diferenças entre a língua em uso em Portugal, o Português, e a língua em uso no Brasil, o Português Brasileiro. Os brasileiros discriminados são, comumente, rotulados como falantes de brasileiro e não de português. À época de Nascentes, o debate sobre dialetologia levou ao desenvolvimento do metatermo [dialeto brasileiro] ao se referir à língua falada no Brasil:

O dialeto brasileiro. É fato por demais sabido que mesmo dentro do próprio território, por diversas causas entre as quais sobressaem a lei do menor esforço e a necessidade de clareza de expressão, as línguas tendem a alterar-se. Maiores alterações sofrem, ainda, quando são transplantadas de uma região para outra. Assim, o latim se transformou nas atuais línguas românicas e estas, por sua vez, nas colônias muito vieram a diferir do falar das metrópoles: haja-se em vista o francês do Canadá e o espanhol da América. Outro tanto aconteceu ao português implantado em nosso país (Nascentes, 2023 [1922], p. 12).

O estado da arte da dialetologia do início do século XX estava ainda vinculada às teses da geografia linguística e ao método histórico-comparativo. O espaço territorial comum e a “lei do menor esforço” eram considerados os elementos fundamentais da hipótese determinante para a análise dos fatos relativos à mudança linguística. Essa hipótese universalizada pelo princípio da universalidade das leis científicas, que permitiram a predominância de uma dialetologia científica, foi empregada para descrever o contexto linguístico do Rio de Janeiro em oposição a Portugal, dentro do âmbito da Filologia Românica. Nascentes descreve esse fato linguístico com a percepção de que a língua portuguesa foi transplantada de uma região para outra, isto é, desterritorializada e reterritorializada, sendo transmitida entre povos diversos. Como analogia, emprega o caso do latim, arquetípico no campo da Filologia Românica, como a célula-mater que se desmembrou e se ramificou nas atuais línguas românicas. As línguas românicas, por sua vez, foram implantadas nas diversas regiões colonizadas, formando novos estados de língua, como o francês do Canadá, o espanhol da América, e conseqüentemente, o português do Brasil, que não é citado diretamente por Nascentes, mas subentendido.

Em sua tentativa de compreender o fato linguístico da diferenciação entre as línguas portuguesas de Portugal e do Brasil, Nascentes toma por referência o processo histórico de colonização, tendo por referência o início do antigo regime de capitanias hereditárias em 1534, que distava mais de quatro séculos de sua obra filológica:

As principais causas destas alterações são de ordem etnológica e de ordem mesológica; só um apurado estudo pode fixá-las de modo preciso. Apesar de descoberto em 1500, o Brasil só começou propriamente a ser colonizado em 1534 com o regime das capitanias hereditárias; pode dizer-se que daí data a introdução da língua portuguesa. Nem que fosse falada apenas por portugueses e seus descendentes puros, nem por isso deixaria ela de alterar-se graças às causas que apontamos acima, mas a língua portuguesa no Brasil sofreu grandes alterações porque teve de ser aprendida por homens de duas raças que falavam línguas de estrutura inteiramente diversa do tipo flexional. O índio foi o primeiro a aprender português; é natural, pois foi o povo autóctone (Nascentes, 2023 [1922], p. 12).

O curioso é que duas categorias de causa são atribuídas às alterações sofridas pela língua portuguesa em sua implantação no Brasil: uma de [ordem etnológica] e outra de [ordem mesológica]. A ordem etnológica está vinculada à formação dos povos, enquanto a ordem mesológica está vinculada ao território, considerados como condicionantes para a formação de uma dada língua. Nesse sentido, a hermenêutica empregada por Nascentes para compreender a variação linguística ocorrida entre brasileiros e portugueses parte de uma epistemologia que vincula a língua a uma determinada etnia e a um determinado território, uma concepção glotofóbica, ou mesmo racista, em termos contemporâneos, sobretudo quando confrontada com o pluricentrismo linguístico.

A [ordem etnológica] citada por Nascentes, de certo modo, além de uma forma de classificação sobre os povos, compreendidos como grupos humanos referenciados por suas culturas, parte de um olhar exógeno colonial e assimétrico, sendo que a principal característica da colonização era a hierarquização desses povos, e conseqüentemente de suas línguas. Essa suposta ordem etnológica caracteriza-se como um sistema de saber e de poder (Foucault, 1979), baseada em estereótipos, que são reafirmados com uma função colonialista contínua, mesmo após a descolonização do Brasil, independente desde 1822.

Por sua vez, a segunda ordem, a [ordem mesológica], é estabelecida pela relação territorial, uma interação entre a cultura e a natureza, ou mais especificamente, uma relação entre sujeito e objeto. Na perspectiva de Nascentes, a mudança de território da Europa ao Brasil mudou profundamente a língua por questões de influência da ordem territorial também, tendo formado o [dialeto brasileiro] a partir da implantação da língua portuguesa no Brasil como um dialeto inicialmente indígena: “O índio foi o primeiro a aprender português; é natural, pois foi o povo autóctone” (Nascentes, 2023 [1922], p. 12).

Cumprido salientar que no centenário da Independência, o imaginário do período colonial estava presente como uma temática recorrente na intelectualidade do Brasil, esse clima intelectual foi acrescido por recentes décadas de diáspora e de migração portuguesa ao Brasil no século XX, o que tornou o cenário mais complexo. Esse ideário de se repensar o passado colonial com a recente chegada de imigrantes vindos de Portugal levou a uma percepção contraditória do papel do imigrante recém-chegado ao Brasil, com uma busca da valorização social da figura do imigrante europeu, que também era um sujeito passível de discriminação a pretexto linguístico ao mesmo tempo. A suposta [ordem etnológica], também percebida como uma hierarquização social, de cunho racista, afetava as relações entre os imigrantes e os povos já estabelecidos no Brasil. A percepção de uma diferença também nas formas de falar acentuava essa relação já conflituosa, marcada provavelmente por uma glotofobia justificada historicamente: “homens de duas raças que falavam línguas de estrutura inteiramente diversa do tipo flexional” (Nascentes, 2023 [1922], p. 12).

Outro fator de [ordem etnográfica] para Nascentes é o “negro”, pejorativamente vinculado ao passado escravocrata colonial, em uma descrição nitidamente de contornos racistas comum ao discurso e à narrativa historiográfica da época, “racismo científico” (Santos, Silva, 2018):

Só mais tarde aparece um outro fator etnográfico, o negro. “No Brasil, o escravo negro foi introduzido ao tempo dos primeiros estabelecimentos. A escravidão vermelha precedeu de certo a negra, e daquela já se fala em 1531, quando Martim Affonso concedeu a Pedro de Góes permissão de levar para a Europa dezessete escravos índios, mas desde cedo na Capitania de São Vicente são escravos negros que trabalham na agricultura da cana. Deve datar pelo menos do ano de 1532”. (João Ribeiro – história do Brasil). Como se vê, é praticamente simultânea a aprendizagem do português pelo índio e pelo negro (Nascentes, 2023 [1922], p. 13).

Nascentes cita João Ribeiro, e a sua *História do Brasil*, para descrever a diáspora africana de negros escravizados no Brasil, um processo colonialista que data do mesmo período histórico da instalação das capitanias hereditárias no território. O escravismo de indígenas e de negros, nessa perspectiva, é o contexto de “aprendizagem do português”, que causaram uma variação na língua, isto é, impuseram uma nova “ordem etnológica” à língua. Nesse sentido, Nascentes vincula a variação linguística à condição dos escravos, sendo a variante oriunda da implantação do português na colônia sob o regime escravocrata.

Essa percepção de que a língua portuguesa é uma língua etnicamente vinculada aos portugueses, enquanto a variante brasileira é uma língua indígena e negra, faz parte do ideário linguístico de Nascentes. Essa percepção racializada da língua e de suas variantes representa o clima intelectual de sua época, pautada em uma hierarquização social extremamente rígida, um período no Brasil em que uma maciça migração portuguesa chegava ao Brasil, sobretudo ao Rio de Janeiro, então Distrito Federal e capital republicana.

Assim Nascentes descreve o surgimento da variante Brasileira do português:

Desde meados, pois, do século XVI, colonos portugueses, índios, africanos, seus descendentes puros ou mestiçados, começaram, cada qual a seu jeito, a modificar a língua portuguesa e mais tarde as modificações por eles introduzidas vieram a constituir a variante Brasileira. O afastamento da metrópole, a Independência política e outras causas tornaram autônomo o português do Brasil final. “A língua nacional, diz João Ribeiro, é essencialmente a língua portuguesa, mas enriquecida na América, emancipada e livre nos seus próprios movimentos”. Submeter o nosso falar diferente às formas portuguesas é um absurdo desprezível e servilmente colonial, como diz o sr. Rupert Hughes relativamente ao falar norte-americano. Certas leis da gramática portuguesa perderam aplicação entre nós; falamos diferentemente sem que por isso falemos errado, pois nos exprimimos de acordo com os novos rumos porque marchou no Brasil a língua portuguesa (Nascentes, 2023 [1922], p. 13).

Na narrativa historiográfica, há um salto de meados do século XVI para o período da Independência, no século XIX, período que distava um século da obra de Nascentes. Nesse ponto de sua interpretação, o filólogo carioca apresenta uma visão de que a constituição da [variante Brasileira] se dá desde meados do século XVI, reafirmando que o português, como era falado em Portugal, nunca foi a língua falada de modo predominante no Brasil. Os primeiros falantes e constituintes da [variante Brasileira] formavam uma comunidade linguística bem heterogênea: “colonos portugueses, índios, africanos, seus descendentes puros ou mestiçados, começaram, cada qual a seu jeito, a modificar a língua portuguesa e mais tarde as modificações por eles introduzidas vieram a constituir a variante Brasileira” (Nascentes, 2023 [1922], p. 13). Muitos dos termos empregados nesta narrativa estão em desuso, como “descendentes puros ou mestiçados”, que possuem contemporaneamente nítida conotação racista e faziam parte do ideário do racismo científico. Ao mesmo tempo, Nascentes percebia que não havia uma distinção de ordem etnográfica entre brancos e negros nascidos no Brasil no emprego da variante Brasileira, todos falavam a mesma língua, diferentemente dos imigrantes portugueses recém-chegados. Esta percepção foi uma de suas inovações como filólogo, pelo fato de que ao mesmo tempo que emprega o metatermo [ordem etnográfica], o nega.

O argumento posterior é bem atual: “O afastamento da metrópole, a Independência política e outras causas tornaram autônomo o português do Brasil final” (Nascentes, 2023 [1922], p. 13). Nascentes percebe que a autonomia linguística é uma questão política, enquanto há a teorização de um [português do Brasil], isto é, a percepção de um plurilinguismo linguístico em que existem línguas portuguesas, e não uma só língua portuguesa, no caso, a de Portugal e a do Brasil, ambas igualmente válidas, sendo que o “português do Brasil” é uma variante que surgiu desde meados do século XVI, mas se tornou autônoma na Independência em 1822. O português do Brasil surgiu, portanto, da autonomia política.

Nascentes cita João Ribeiro novamente: “A língua nacional, diz João Ribeiro, é essencialmente a língua portuguesa, mas enriquecida na América, emancipada e livre nos seus próprios movimentos” (Nascentes, 2023 [1922], p. 13). O argumento segue uma gradação, de que a [variante Brasileira] de meados do século XVI, se torna o [português do Brasil], em 1822, até se converter na [língua nacional] do Brasil, metatermo linguístico muito comum à época, o que se supõe ocorrer no contexto do centenário da língua e de reafirmação

do nacionalismo. Essa visão que está no ideário linguístico de Nascentes reflete o *Zeitgeist* de sua época, o espírito do nacionalismo das primeiras décadas do século XX. Essa afirmação de uma “língua nacional” é corroborada por outro argumento de autoridade, que faz analogia entre o contexto do Brasil e o norte-americano: “Submeter o nosso falar diferente às formas portuguesas é um absurdo desprezível e servilmente colonial, como diz o sr. Rupert Hughes relativamente ao falar norte-americano” (Nascentes, 2023 [1922], p. 13). Nascentes adota o metatermo [falar diferente] em contraste com as [formas portuguesas], ao comentar o “absurdo desprezível” e “servilmente colonial” que seria submeter a língua nacional à influência estrangeira, nesse caso portuguesa. Essa argumentação mostra os indícios de uma possível xenofobia com os imigrantes portugueses que chegaram ao território Brasil nesse período histórico. Já a analogia com o contexto norte-americano, pela referência ao “sr. Rupert Hughes” demonstra uma aproximação política com o movimento político panamericano.

Nascentes, em seguida afirma que: “Certas leis da gramática portuguesa perderam aplicação entre nós; falamos diferentemente sem que por isso falemos errado” (Nascentes, 2023 [1922], p. 13). Esse argumento, extremamente atual, nos parece à primeira vista saído de um texto sociolinguístico, que reflete uma repulsa à hipercorreção gramatical pelas [leis da gramática portuguesa] sobre as formas de falar do Brasil, um pensamento contínuo até os dias de hoje. Como complemento, porém, e em tom ufanista, o filólogo carioca afirma: “pois nos exprimimos de acordo com os novos rumos porque marchou no Brasil a língua portuguesa” (Nascentes, 2023 [1922], p. 13). A metáfora de uma língua em “marcha” é muito condizente com o ideário político da época de Nascentes, em que movimentos nacionalistas se sucediam e eram comuns as marchas populares, devido à instabilidade política. Os “novos rumos” também são indícios de um suposto cunho revolucionário, no ideário político da época, que antecedeu ao Estado Novo getulista.

O ideário linguístico de Nascentes e a sua argumentação ganham um aspecto alegórico, tendo se afastado da dialetologia, com sucessivas metáforas empregadas retoricamente para descrever a mudança linguística, enaltecendo a variante brasileira, como [evolução] do Português:

O que se deu pode perfeitamente ser comparado com o processo de multiplicação vegetal conhecido pelo nome de mergulhia: até se criarem raízes, o ramo vergado e mergulhado no solo é sustentado pela seiva do vegetal que sofre a operação, uma vez brotadas raízes que possam haurir seiva para a nova planta, um corte no ramo a separa e ela vai separadamente prosseguir sua evolução. Prosseguimos hoje evolução à parte, como a península ibérica prosseguiu a sua depois do desmembramento do império romano. Apesar da constante imigração portuguesa, apesar do constante intercâmbio literário entre Portugal e Brasil, nada pode deter a nossa marcha (Nascentes, 2023 [1922], p. 13).

A adesão às teses do método histórico-comparativo, sobretudo às metáforas com as Ciências Naturais, e a percepção da língua como ser vivo e orgânico, se dá pelo emprego do termo biológico “mergulhia”, que por um ramo de uma planta gera uma “nova planta”, em um diagrama arbóreo, que vai criar “raízes” renovadas. A analogia da península ibérica como um “novo ramo” do império romano é patente, o que busca demonstrar que o processo de implantação da língua portuguesa no Brasil era compreendido por Nascentes como uma retomada tardia do processo de expansão do império romano por Portugal no século XVI,

criando um “novo ramo” na América, uma visão de continuidades em processos que diferiram em contextos históricos diversos, mas serve para buscar encontrar uma conexão indireta entre o império romano e o nacionalismo no Brasil. Logo, o tom panfletário e ufanista se segue na argumentação, que apresenta um cunho nacionalista e mesmo xenofóbica: “Apesar da constante imigração portuguesa, apesar do constante intercâmbio literário entre Portugal e Brasil, nada pode deter a nossa marcha” (Nascentes, 2023 [1922], p. 13)..

A constante imigração portuguesa e o intercâmbio literário entre Portugal e Brasil eram vistos pelo filólogo carioca nos anos 1920 como impedimentos e obstáculos para a “evolução” da língua, em uma analogia com a própria formação de Portugal que “como a península ibérica prosseguiu a sua depois do desmembramento do império romano” (Nascentes, 2023 [1922], p. 13). Note-se que nessa argumentação, o imigrante português, recém-chegado ao Brasil, falante de uma variante diversa da língua portuguesa da que era então empregada no Rio de Janeiro era considerado um entrave, um falante não-evoluído, sendo também uma possível vítima de discriminação a pretexto linguístico, ou seja de glotofobia, entre os anos 1901 e 1930. O texto de Nascentes registra esse processo, ainda que de forma diversa de como a glotofobia é registrada em Portugal quanto a imigrantes brasileiros, entre 2019 e 2023.

## 2. O capítulo de fonologia de *O Linguajar Carioca*

No texto de Nascentes, o capítulo que apresenta as maiores diferenças e divergências, e a maior diversidade, entre a língua portuguesa e o linguajar carioca é o capítulo de fonologia da obra (Nascentes, 2023 [1922], p. 20-33), em que o filólogo descreve, habilmente, como os falantes do Rio de Janeiro e imigrantes portugueses se comunicavam. Não há a apresentação de um método descritivo com rigor técnico, mas antes uma aproximação empírica, muito provavelmente colhida do convívio com os imigrantes portugueses no Rio de Janeiro de sua época, imigrantes chegados em um momento político em que se comemorava também o centenário da Independência.

A visão da fonologia na época era constituída sob uma generalização ainda estereotipada dos usos da língua, de base empírica, mas bem compreensível para os linguistas contemporâneos, como se pode notar na obra de Nascentes. Ainda que apresentasse um certo improvisado como modelo teórico e visões discriminatórias, a técnica descritiva era razoavelmente eficiente no registro dos fenômenos da fala, a ponto de ainda serem compreendidas contemporaneamente:

O traço que caracteriza de um modo geral a pronúncia carioca é o mesmo que distingue a de todo o Brasil: há mais frouxidão, demora, sonoridade (Alfredo Gomes), suavidade (Julio Nogueira) do que na pronúncia de Portugal. “A pronúncia brasileira, comparada com a nossa, diz Leite de Vasconcellos, tem algo de arrastado”. Os fonemas são por assim dizer os mesmos de Portugal; não houve criação de fonema novo algum. Pelo contrário, alguns fonemas dialetais portugueses não se encontram no Brasil. VOGAIS – Em relação à quantidade vocálica, observemos que, como em todo o Brasil, no Rio de Janeiro não há o e brevíssimo que existe em Portugal com valor parecido ao do e mudo francês: querer = quêrê (R.J.), qu’rer (P); dente = denti (R.J.), dent’ (P) (Nascentes, 2023 [1922], p. 20-33).

Note-se que para Nascentes, a [pronúncia carioca] poderia ser considerada uma pronúncia geral para todo o Brasil, isto é, era o padrão do [dialetos brasileiro]: “O traço que caracteriza de um modo geral a pronúncia carioca é o mesmo que distingue a de todo o Brasil” (Nascentes, 2023 [1922], p. 20-33). O [linguajar carioca] seria uma pronúncia modelar para todos os brasileiros, seria a variante padrão ou normatizada, pois era ao mesmo tempo a pronúncia do Distrito Federal, da capital do Brasil. Para confirmar essa hipótese, há a citação de outros dois filólogos: “há mais frouxidão, demora, sonoridade (Alfredo Gomes), suavidade (Julio Nogueira) do que na pronúncia de Portugal” (Nascentes, 2023 [1922], p. 20-33), com os conceitos e metatermos subjetivos e de conotação pejorativa de [frouxidão], [demora], [sonoridade], de acordo com Alfredo Gomes, e [suavidade], com Júlio Nogueira, se comparada com a [pronúncia de Portugal]. Por fim, a referência a Leite de Vasconcellos, o mais prestigiado entre os filólogos portugueses à época de Nascentes, que apresenta também um viés de conotação negativa e glotofóbica, com o metatermo linguístico [algo de arrastado]: “A pronúncia brasileira, comparada com a nossa, diz Leite de Vasconcellos, tem algo de arrastado” (Nascentes, 2023 [1922], p. 20-33). Note-se que Leite de Vasconcellos cita uma [pronúncia brasileira], enquanto Antenor Nascentes teoriza uma [pronúncia carioca], com o valor de uma [pronúncia brasileira].

O argumento central para se referir ao fato de que as duas línguas portuguesas, a de Portugal e a do Brasil, são uma só língua é o quadro de fonemas: “Os fonemas são por assim dizer os mesmos de Portugal; não houve criação de fonema novo algum” (Nascentes, 2023 [1922], p. 20-33), o que respaldava também a visão de que o [português do Brasil] é uma variante, ou dialeto. Assim, a descrição fonológica do português é ainda válida em ambos os contextos linguísticos, pelo fato de que a variação se encontra somente no domínio da prosódia. Antenor Nascentes registra, inclusive, algumas variantes linguísticas portuguesas de Portugal ao longo de toda a obra, e cita que: “Pelo contrário, alguns fonemas dialetais portugueses não se encontram no Brasil” (Nascentes, 2023 [1922], p. 20-33), isto é, o [dialetos brasileiro], não deriva de modo algum das variantes dialetais portuguesas, mas antes da língua padrão, e apresenta essa realidade como um dado empírico para validar a variante brasileira, enquanto busca atestar a relação histórica entre os dois contextos: Portugal e Brasil.

A técnica descritiva de contraste adotada por Nascentes é muito interessante, sendo didática e compreensível inclusive por leigos. Há um comentário fundamental em sua obra que pode demonstrar uma das causas da diferença entre o português no Brasil, sobretudo a [pronúncia carioca] e em Portugal, um comentário que não foi muito aprofundado: “VOGAIS – Em relação à quantidade vocálica, observemos que, como em todo o Brasil, no Rio de Janeiro não há o e brevíssimo que existe em Portugal com valor parecido ao do e mudo francês” (Nascentes, 2023 [1922], p. 20-33). Em seguida apresenta alguns exemplos de contraste: “querer = quêrê (R.J.), qu’rer (P); dente = denti (R.J.), dent’ (P)” (Nascentes, 2023 [1922], p. 20-33). Essa vinculação da pronúncia do Rio de Janeiro com o francês não é de todo estranha, tendo em vista que o ensino de gramática francesa se tornou quase que obrigatório no Brasil desde a Independência, durante os primeiro e segundo reinados, sendo a língua mais comum da intelectualidade por mais de um século, sobretudo na capital do Império (Cavaliere, 2022).

### **3. O dialeto brasileiro e os subdialetos: onde entram os gringos?**

Para Antenor Nascentes, o [dialeto Brasileiro] apresentava outras variantes, além da [pronúncia carioca], essa diversidade se dava por conta de outras [causas etnológicas], que era o modo como o filólogo compreendia o processo de migração e de diáspora ocorrido na formação demográfica do Brasil. As diversas migrações e diásporas, internas e externas, geraram [subdialetos] no [português do Brasil]:

As causas etnológicas de alteração do português do Brasil cumprem adicionar as que começaram a atuar no século XIX: a imigração italiana em S. Paulo, a polaca no Paraná e a alemã em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. (Nascentes, 2023 [1922], p. 17).

Assim, além da influência indígena e africana, do francês no Rio de Janeiro, ocorreu também a imigração italiana em São Paulo, a polonesa no Paraná, a alemã em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, de acordo com a análise de Nascentes. Essas migrações acarretaram outras variações linguísticas, ou dialetalização, tendo o filólogo buscado descrever esse cenário complexo em subdialetos. Esses subdialetos foram divididos empiricamente em quatro:

Com os poucos dados que dispomos, mal podemos esboçar uma divisão do dialeto brasileiro. Talvez possamos admitir quatro subdialetos: o nortista (Amazonas, Pará, litoral dos Estados desde o Maranhão até a Bahia), o fluminense (Espírito Santo, Rio de Janeiro, sul de Minas e zona da mata, Distrito Federal), o sertanejo (Mato Grosso, Goiás, norte de Minas, sertão dos estados litorâneos desde o Maranhão à Bahia) e o sulista (São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e triângulo mineiro) (Nascentes, 2023 [1922], p. 18).

Essa subdivisão partia do princípio de que a variante carioca, o [subdialeto fluminense] era o padrão do [dialeto Brasileiro], pelo seu *status* político de ser a variante do Distrito Federal. Ao mesmo tempo, a dialetologia avançava em uma época em que as primeiras transmissões de rádio se tornaram realidade no Brasil, e a noção de regionalismo, pelo sotaque regional, eram percebidas, não só pelas migrações internas no território, mas também por uma valorização dos regionalismos dentro espírito de unidade nacional desse período histórico.

A presença do imigrante português nesse complexo cenário causava reações negativas e discriminatórias, inclusive a pretexto linguístico, a glotofobia, pelo fato de que o imigrante já encontrava uma sociedade linguisticamente hierarquizada, em que a pronúncia do Rio de Janeiro era a mais prestigiada. Como afirma Nascentes: “É palpável a diferença entre o falar cantado do nortista e o falar descansado do sulista” (Nascentes, 2023 [1922], p. 18), isto é, a sua observação empírica parte do pressuposto que o [falar] do Rio de Janeiro era o padrão, o “o acento nacional (sotaque)” (Nascentes, 2023 [1922], p. 16). Por fim, no vocabulário, que está registrado na parte final da obra, apresenta o item lexical [gringo]: “Gringo - pessoa que fala com sotaque espanholado” (Nascentes, 2023 [1922], p. 75), que representa alguém que é percebido como imigrante por seu [sotaque], isto é, alguém que pode ser facilmente alvo de discriminação a pretexto linguístico, ou de glotofobia. Atualmente, em Portugal, os brasileiros são discriminados sob o termo “zuca”, de “brazuca”, de conotação racista e glotofóbica, pois se identifica um zuca pela aparência e pela fala.

#### **4. Conclusão: em cem anos, muitas migrações e poucas mudanças**

A discriminação a pretexto linguístico é um fenômeno sociolinguístico histórico e global, compreendida teoricamente sob o conceito de glotofobia, do francês “*glottophobie*” (Blanchet, 2016), que também foi debatido no Brasil sob o rótulo mais genérico de “preconceito linguístico” (Bagno, 1999). No artigo, analisamos casos de glotofobia mútua praticados entre o Brasil e Portugal, dois contextos em que há a oficialidade da língua portuguesa, países que são inclusive membros fundadores da Comissão dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), uma organização que busca ampliar o debate multilateral pela perspectiva do pluricentrismo linguístico. Cumpre salientar que ao estudar os processos de migração luso-brasileira, encontramos movimentos cíclicos, em que ora portugueses vêm ao território do Brasil, ora ocorre o caminho inverso. Esses movimentos são marcados continuamente por questões linguísticas, e também por uma xenofobia mútua, com uma relativa aproximação entre os dois contextos.

Em uma perspectiva pluricêntrica acreditamos não ser mais possível falar em língua portuguesa, senão em línguas portuguesas, sendo as duas mais prestigiadas as variantes normatizadas da Europa e a do Brasil, mas não se podem excluir as outras línguas portuguesas, faladas em contextos diversos. Porém, cumpre notar também que mesmo em Portugal e no Brasil, assim como em outros contextos ditos lusófonos há ainda mais variação linguística do que se supõe, para que uma abordagem sociolinguística conscientize os falantes. Os estudos sobre a discriminação a pretexto linguístico, a glotofobia, são muito importantes para se pensar sobre uma lusofonia em contexto pluricêntrico, tendo em vista que mesmo no contexto migratório luso-brasileiro essa lusofonia parece distante, como os recentes casos de discriminação de brasileiros em Portugal demonstram.

Por fim, para os estudos de Linguística Românica, ou Linguística Histórica, a área que herdou os antigos estudos de Filologia Românica e de Dialectologia no Brasil, o estudo sobre esses processos de migração e de contato de línguas revelam a dinâmica das línguas românicas, sua constante atualização e mudanças ao longo do processo histórico, como representantes de povos diversos em constante deslocamento sobre territórios. A diversidade linguística é um fato incontestável, mas a forma como as nossas sociedades lidam com esse fato linguístico é um tema que carece de maior aprofundamento nas sociedades que empregam as línguas portuguesas em seus territórios.

## Referências

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**. São Paulo: Parábola, 1999.

BLANCHET, P. **Discriminations : combattre la glottophobie**. Paris: Textuel, 2016.

CAVALIERE, R. **História da gramática no Brasil – século XVI ao XIX**. Petrópolis: Vozes, 2022.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

KALTNER, L. F.; SANTOS, M. C. S. dos. Ancient grammars: popularizing linguistics historiography on instagram. **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. e660, 2022. DOI:

10.25189/2675-4916.2022.v3.n2.id660. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/660>. Acesso em: 25 jul. 2025.

KALTNER, L. F.; SANTOS, M. C. S. dos. History of Linguistic Thought and Grammar Praxis in Brazil: It Possible to Periodize? **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 4, n. 1, 2023. DOI: 10.25189/2675-4916.2023.v4.n1.id679. Disponível em:

<https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/679>. Acesso em: 25 jul. 2025.

KALTNER, L.; SANTOS, M. Ernesto Faria (1906-1952) and Latin for the Education of Philologists and Linguists in 20th Century Brazil: Historiographical Analysis. **Cadernos de Linguística**, [S. l.], v. 5, n. 2, 2024. DOI: 10.25189/2675-4916.2024.v5.n2.id748. Disponível em: <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/748>. Acesso em: 25 jul. 2025.

LEVY, M. S. F. O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872-1972). **Revista Saúde Pública**, São Paulo, n.8 (supl.), p. 49-90, 1974.

MINISTÉRIO DE RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL. **Comunidades brasileiras no exterior - Ano-base 2023**. Brasília: MRE, 2024.

NASCENTES, A. **O Linguajar Carioca em 1922**. Organização Marcelo Rocha Barros Gonçalves, Roberto Leiser Baronas. Araraquara: Letraria, 2023 [1922].

ROCHA, A. “Eu falo português, você fala brasileiro”: uma língua com múltiplas variedades, falada por milhões, ainda motiva discriminação. **Expresso**, Lisboa, 10 junho 2025. Disponível em: <https://expresso.pt/sociedade/2025-06-10-eu-falo-portugues-voce-fala-brasileiro-uma-lingua-com-multiplas-variedades-falada-por-milhoes-ainda-motiva-discriminacao-70afefd0>. Acesso em 25 jul. 2025.

SANTOS, R. A. dos; SILVA, R. M. N. B. Racismo científico no Brasil: um retrato racial do Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 68, p. 253-268, mar./abr. 2018.

### **Declaração de contribuição dos autores**

Leonardo Ferreira Kaltner: conceitualização, aquisição de financiamento, administração de projetos, escrita – rascunho original. Melyssa Cardozo Silva dos Santos: investigação, metodologia, escrita – revisão e edição.

### **Declaração de conflito de interesse**

Os autores declaram que não há conflito de interesse.

### **Declaração de disponibilidade de dados da pesquisa**

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.